

CANTIGAS DE CAPOEIRA CONTESTANDO A HISTÓRIA DOS VENCEDORES

José Olímpio Ferreira Neto (UECE)

Resumo: Este trabalho é uma análise crítico-reflexiva das cantigas de capoeira a luz do pensamento benjaminiano. A Capoeira é uma cultura popular presente nos ambientes formais de ensino que pode dialogar com a disciplina de História, porém, ainda se verifica que o material didático que está disponível para o corpo docente e discente é aquele que mantém empatia com a história do vencedor. A Roda de Capoeira é o espaço onde os vencidos contam, através das cantigas, suas dores e glórias, onde se constitui seus ídolos, diferentes dos personagens impostos pelo dominador. Benjamin (1994) diz em sua tese VI do texto Sobre o conceito de História que a transmissão dos bens culturais, da história deve ser arrancada das mãos do vencedor. Pergunta-se, então, se as cantigas de capoeira podem ser identificadas como instrumento de contestação da história oficial.

Palavras-chave: História. Capoeira. Cantigas.

Introdução

As pesquisas em História tem sofrido mudanças em seu foco, novas áreas e interesses tem surgido ao historiador. O ensino nas escolas públicas não correm na mesma velocidade que as pesquisas. No interior das instituições, pode-se observar cartazes que são confeccionados nas aulas que reproduzem a história dos vencedores, a história oficial.

Ao mesmo tempo, a escola abre as portas para a comunidade, para a diversidade cultural. A Capoeira é uma importante ferramenta nessa nova perspectiva do ambiente escolar. Atividade que representa o povo brasileiro, fruto da mistura das raças que já ganhou o mundo e se aperfeiçoa como instrumento de educação (FERREIRA NETO, 2009).

O presente trabalho é uma reflexão filosófica sobre as cantigas como forma de expressão dos vencidos contestando o ensino da História oficial. Entende-se, aqui, que a escola é um espaço de conflito, pois, além da educação oficial, penetram nesse ambiente diversas culturas como a Capoeira que colaboram para um discurso que se opõe ao que é imposto pelos dominadores. Para nortear essa reflexão utiliza-se o filósofo da Escola de Frankfurt, a saber, Walter Benjamin (1994) através de seu artigo intitulado *Sobre o conceito de História* presente no primeiro volume do livro *Obras Escolhidas*.

Para melhor penetrar no pensamento benjaminiano faz-se uso dos estudos de Aquino (2009) pesquisador do pensamento do citado filósofo. Em relação à História recorre-se aos seguintes autores: Rodrigues (2009), Le Goff (2003), Hunt (2001) e Burke (2008). Quanto ao conteúdo referente a Capoeira, buscou-se fundamento nos estudos de Rego (1968), Castro Júnior (2003), Silva (2007), Vieira (1998) Vasconcelos (2009, 2010) e Capoeira (2009).

O tema foi inspirado na vivência escolar, na participação nas rodas e nos estudos de filosofia, sobretudo nas disciplinas ministrados pelo professor Ivan Fiúza. Ressalte-se ainda a participação no NHIME - Núcleo de Pesquisa em História e Memória da Educação da FACED/UFC sob coordenação do Professor Doutor Gerardo Vasconcelos.

Esse trabalho se divide em três seções, além da introdução e conclusão, que se acredita serem relevantes para o tema proposto, a saber: *A pesquisa e o ensino de História*; *As cantigas de capoeira à luz do pensamento benjaminiano*; e *A Escola e a Capoeira*. Esses tópicos são direcionados ao estabelecimento de um pensamento de contestação ao ensino de história tal como ele se desenha hoje e utiliza a Capoeira para se fazer ouvir.

I. A pesquisa e o ensino de História

A chamada História Nova está mais interessada na cultura e nos aspectos sociais, conferindo menos importância às grandes personagens e acontecimentos singulares. Ela se interessa mais pelos costumes e pelos protagonistas anônimos (RODRIGUES, 2009). Benjamin (1994) diz em sua tese VI de seu último texto em vida, já citado nesse texto, a saber, *Sobre o conceito de História* que a transmissão dos bens culturais, da história deve ser arrancada às mãos do vencedor. Mas será que essa é a realidade em que vive as escolas? Antes de refletir sobre essa questão faz-se necessário conhecer um pouco sobre as mudanças no foco dos estudos de história.

No final da década de 1980, a expressão Nova História Cultural entrou em uso através de uma historiadora norte-americana chamada Lynn Hunt (2001) que publicou um livro com esse nome. A nova história cultural é, hoje, uma forma de história cultural bastante utilizada nas pesquisas. O interesse pela cultura popular aumentou, tornando a antropologia mais relevante para os historiadores. Uma forma de nova história cultural que é muito utilizada atualmente é a história da memória, descrita também como memória social ou memória cultural (BURKE, 2008). A história que quer se constituir, hoje, é a do tempo presente, a história dos vivos, não se trabalha mais apenas com o passado, com os grande nomes.

No Brasil, o ensino de história também vêm sofrendo modificações em sua abordagem, pelo menos em teoria. Em março de 2003, o governo Lula sancionou a Lei 10.639/03, que altera a LDB, A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. A mesma estabelece diretrizes curriculares e sua implementação. Seu teor resgata historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira. Trata-se de um marco para o movimento negro no Brasil.

O art. 26, § 4º da Lei nº. 9.394/96, a LDB, diz que: “O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia.” Já o art. 26-A, § 1º e 2º da Lei supracitada nos diz o seguinte:

1. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil (Incluído pela Lei nº. 10.639, de 9.1.2003).

Tal texto é a valorização da cultura de matriz africana e afro-brasileira, onde a Capoeira figura em seu rol e pode dar significativa contribuição para sua efetivação. Sabe-se que o negro, assim como o índio são as figuras oprimidas e vencidas da História do Brasil. Hoje, o governo brasileiro tenta através de políticas afirmativas como essa reparar o dano causados a essas matrizes do povo brasileiro.

Mesmo com essa nova abordagem, o ensino de história que acontece nas escolas públicas não está muito voltado para o pensamento dos vencidos. Geralmente, o ensino se processa com foco nos vencedores, mais parece um cortejo ao triunfo das classes dominantes. No interior das instituições, pode-se observar cartazes que são confeccionados nas aulas que reproduzem a história dos dominantes, a história oficial.

Ao mesmo tempo, a escola abre as portas para a comunidade, para a diversidade cultural. A Capoeira é uma importante ferramenta nessa nova perspectiva do ambiente escolar. Atividade que representa o povo brasileiro, fruto da mistura das raças que já ganhou o mundo e se aperfeiçoa como instrumento de educação (FERREIRA NETO, 2009). Abaixo tentar-se-á descrever o pensamento benjaminiano sobre o conceito de história e sobre o combate que se processa dentro dessa área do conhecimento humano, entre os vencedores e os vencidos. Esse será relacionado às

cantigas de capoeira tentando identificar esse elemento estético com um instrumento de contestação a história dos vencedores.

II. As cantigas de capoeira à luz do pensamento benjaminiano.

No texto intitulado *Sobre o conceito da História* o filósofo da *Frankfurter Schuler*, Walter Benjamin (1994), diz, em sua tese VII, que o historiador desenvolve uma relação de empatia com o vencedor. A seguir seu texto:

[...] se nos perguntarmos com *quem* o investigador historicista estabelece uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor. Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores (BENJAMIN, 1994).

Essa tese é concernente ao problema da empatia ou da identificação afetiva com o passado. Ele afirma segundo Aquino (2009, p. 18) que “[...] quando de trata da história e da transmissão histórica, deve-se buscar saber com quem, nesse plano, se dá a empatia ou tal identificação afetiva”. Como foi visto a resposta só pode ser com o vencedor, com a classe que domina. “Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais” (BENJAMIN, 1994, p. 225).

Ora o ensino de história não poderia se dirigir senão ao cortejo dos vencedores, pois o material produzido para as escolas durante muito tempo só privilegiava o discurso da classe dominante. Esses “[...] bens culturais, a cultura (*Kultur*), situam-se num processo histórico de transmissão que ele identifica metaforicamente a um ‘cortejo de triunfo’ dos vencedores” (AQUINO, 2009, p. 19).

A Capoeira sempre foi perseguida durante toda a história do Brasil e até hoje ainda permanece na mente de muitos, uma conotação perniciosa de sua prática. Ela ainda não é vista com bons olhos pois é prática daqueles que foram dominados. Suas cantigas, elementos estéticos indissociáveis de sua prática carregam em seu bojo conteúdo crítico que põe em xeque a tradição oriunda dos vencedores.

Ora, pelos dois parágrafos acima percebe-se que há uma disputa pela transmissão da história. Segundo Aquino (2009, p. 20) na tese VI do texto em estudo, Benjamin (1994) considera que todo o presente ao receber a cultura transmitida “configura-se num ‘instante de perigo’, visto que toda transmissão, dada sempre num instante histórico de disputa, repõe a luta entre vencedores e vencidos da história [...]” nessa luta, mais uma vez, os vencedores podem voltar a vencer “[...] o conteúdo da tradição quanto a própria transmissão histórica tornam-se objeto de disputa” (*idem*). Os vencidos não podem mais uma vez serem dominados, nas palavras de Benjamin (1994, p. 224): “O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apodera-se dela”.

Aqueles que articulam o conhecimento histórico, sobretudo os historiadores ou os que propagam a história e a cultura necessitam ter o cuidado para fazerem justiça frente aos vencidos e dá voz a esses.

Articular o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. [...] O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer (Benjamin, 1994, p. 224-225).

Aquino (2009) afirma que nessa tese há um convite a arrancar das mãos do vencedor a transmissão do saber histórico. As cantigas de capoeira realizam essa

tentativa, tanto em sua manifestação mais espontânea quando as composições brotam do homem mais simples, quanto quando essas composições seguem as regras e os estudos sobre a mesma realizadas pelos estudiosos da capoeira.

Segundo Vieira (1998), Doutor em sociologia e Mestre de Capoeira, as cantigas possuem três funções básica, a saber, função ritual, mantenedor das tradições e de constante repensar histórico. Os cantos não são destituídos de significados, elas trazem inúmeras nuances da história do passado e do presente, dos grandes nomes da história e dos homens simples da Capoeira, mensagens de vida que permite ao cidadão comum identificar-se como membro de uma sociedade.

Abaixo, aponta-se dois exemplos de cantigas onde os vencidos tomam a cena e figuram como personagens principais. A primeira é uma composição de Mestre Moraes, ele é uma grande referência para o mundo da Capoeira. Abaixo, transcreve-se parte de uma de suas cantigas intitulada *Rei Zumbi dos Palmares*:

A história nos engana
dizendo pelo contrário
até diz que a abolição
aconteceu no mês de maio
Comprovada essa mentira [...]
[...] Viva 20 de novembro
Momento pra se lembrar
No dia 13 de maio
Nada pra comemorar [...]
[...] muito tempo se passaram
E o negro sempre a lutar
Zumbi rei nosso herói
De Palmares foi senhor
Pela causa do homem negro
Foi ele quem mais lutou
Apesar de toda luta
Negro não se libertou [...] (*sic*)

Percebe-se a crítica em relação a História oficial. Em sua composição, nega, claramente, a versão oficial. Prossegue ressaltando a data que se comemora o Dia da

Consciência Negra e o grande símbolo da resistência negra, Zumbi. Mestre Moraes, finaliza sua cantiga lembrando que a luta pela liberdade ainda acontece nos dias atuais. O fim da escravidão não foi o início de um período de reparação, muito tempo se passou para que a consciência nacional acordasse para a responsabilidade que tem perante os afrodescendentes.

O 13 de maio é rejeitado, o verdadeiro herói é Zumbi. Em *Isabel que história é essa*, cantiga do Mestre Tony Vargas, percebe-se as mesmas veredas percorridas pela composição anterior, apontando Zumbi como o grande herói, criticando a história da escola e ressaltando a vida cotidiana da favela, os quilombos de hoje, como fonte verdadeira. É a luta contra o conformismo expressa através de uma composição de origem popular.

Dona Isabel que história é essa;
De ter feito a abolição
De ser princesa boazinha [...]
Estou cansado de conversa
Estou cansado de ilusão
Abolição se fez com sangue
[...] A abolição se fez [...]
Com a verdade da favela
Não com a mentira da escola (*sic*)
(VARGAS *apud* MATTOS & MATTOS, 1995, p. 98)

III. A Escola e a Capoeira

Na escola percebe-se um ambiente de disputa, o conhecimento histórico é objeto de disputa entre os vencedores e os vencidos. E percebe-se, claramente, pelas posturas dos educadores e dos interesses que permeiam esses espaços.

Nas *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana* há um princípio chamado *consciência política e histórica da diversidade* que encaminha para

“valorização da oralidade, da corporeidade e da arte, por exemplo, como a dança, marcas da cultura de raiz africana, ao lado da escrita e da leitura; educação patrimonial, aprendizado a partir do patrimônio cultural afro-brasileiro, visando a preservá-lo e difundi-lo” consta ainda que “o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana se fará por diferentes meios, em atividades curriculares ou não” (MEC, 2004, p. 20). Tais tarefas podem ser realizadas a partir da Capoeira. Pois esta trabalha o corpo envolvido com a música.

A escola não é a grande responsável pela transformação social, mas essa transformação não se fará sem ela. Ela só poderá ser o lugar onde os oprimidos adquirirão sua autonomia, se eles puderem adentrar nesse espaço. O primeiro passo é abrir suas portas para que eles possam entrar (GADOTTI, 1995). Hoje, o capoeirista, outrora marginalizado, já está dentro desse espaço educacional, realiza a antítese do pensamento dominante. “A educação informal convida a escuta dos anônimos [...] circunstância que faz da história oral uma escolha quase obrigatória no referido campo de investigação” (RODRIGUES, 2009, p. 438).

A memória preserva a tradição e evita deformações e distorções sobre a história dos vencidos ou esquecidos. As cantigas são composições que resgatam a memória e perpetuam as tradições promovendo o constante repensar das mesmas. A memória pode preencher as lacunas deixadas pela história escrita ou encontrar um canal que possibilite o diálogo com o universo simbólico da história recente (VASCONCELOS, 2010, p. 102).

Na Roda, quando o capoeirista está no jogo, sua expressão corporal é manifestada de várias formas, para Vasconcelos (2009, p. 15) “É como se o corpo se deslocasse o tempo inteiro em profundo equilíbrio que dança, interpreta, canta, chora, ri [...]”. O mundo se inverte e a figura do oprimido não é mais um sujeito sem importância, ele se reconhece como protagonista de sua história e interfere em sua comunidade deixando a marca de sua passagem, a história deixa de ser construída apenas pelo dominante (BENJAMIN, 1994).

Seu saber oferece a manutenção viva da memória do conjunto de conhecimentos não formais, não institucionalizados e que compõem e mantêm viva a consciência coletiva ritualística e ancestral dessa prática cultural. Tais características

remete ao entendimento de Le Goff (2003) que constantemente defende a pesquisa da memória do homem comum, das recordações e histórias locais.

Entende-se, aqui, a figura do Mestre como um educador, antigamente e ainda hoje, o Mestre de Capoeira tem um grau de intimidade com o aluno, ele quer saber como está a vida deste. No contato do aprendiz com o Mestre de Capoeira se desenvolve uma relação de afeto que vai se construindo aos poucos. Abreu *apud* (CASTRO JÚNIOR, 2005p. 150) diz que:

A relação do mestre com o aluno na capoeira é uma relação extremamente importante porque ela é pessoal, e os ensinamentos são transmitidos como se fossem um segredo, com certo grau de intimidade [...] o mestre preocupa-se em está próximo dos alunos.

O capoeirista nega a realidade do estabelecido e prefere “viver a malandragem e a malícia na trama cotidiana da capoeiragem” (VASCONCELOS, 2009, p. 15). A mandinga, a malícia, as cantigas, a ancestralidade, o aprendizado mimético são alguns dos elementos que negam o *status quo*, negam a história oficial. A Capoeira tem um forte caráter negativo que se opõe ao Estabelecido. Sua essência libertadora, luta desde sua gênese, pela liberdade dentro e fora do universo da roda.

Considerações finais

As pesquisas de História mudaram bastante, tem-se, cada vez mais, dado a voz ao homem comum, os grandes homens e os grandes acontecimentos não são mais os únicos contemplados com a preocupação dos historiadores. Porém, o ensino que se processa nas instituições formais é bem diverso. A história oficial ainda é o foco do ensino.

O Brasil não é o país do europeu, em sua constituição há pelo menos três matrizes, a saber, o índio que já estava em *Terras brasilis*, o branco, invasor, colonizador;

e o negro, escravizado por este último. As leis brasileiras tem caminhado no sentido de dar voz aos outros integrantes dessa matriz cultural. O problema que as mudanças se processam lentamente e o que se vê ainda é a história dos dominadores ou vencedores.

Nesse período de adaptação aos novos parâmetros, a escola permite a constituição de espaços de resistência, embora sejam controlados de longe pelos gestores. A escola abre as portas para a comunidade e esta expressa através de suas inúmeras manifestações culturais o sentimento de contestação ao estado imposto pelos dominantes. A Capoeira através das rodas é um desses espaços de afirmação do oprimido.

Refletiu-se aqui sobre a roda de capoeira como um espaço de resistência cultural onde o dominador tem dificuldade de se estabelecer. A cultura oral que se processa na composição das cantigas não demonstra empatia com o vencedor. Esse é rechaçado nas composições e os ídolos e heróis são louvados como representantes dessa arte marginal.

Referências bibliográficas

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília/DF: MEC/SEPP/IR/SECAD, 2004.

AQUINO, João Emiliano Fortaleza de. **Cultura e Culpa: O problema da crítica cultural em Walter Benjamin e Georges Bataille.** In: SANTOS, José Kennedy Silva dos. **Abrindo trilhas para os saberes: Formação humana, Cultura e Diversidade.** Fortaleza: SEDUC-CE, 2009. p. 17-26.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de História.** In: **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política.** Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.222-233.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?.** Tradução de Sérgio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: pequeno manual do jogador.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

CAMISA, Mestre. **Cantigas de Capoeira: ABADA-CAPOEIRA – Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte Capoeira.** Rio de Janeiro: Abadá Edições, 1997.

CASTRO JÚNIOR, Luis Vitor. **Capoeira Angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade.** In: Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 25, n. 2, p. 143-158, jan. 2004.

FERREIRA NETO, José Olímpio. **Capoeira no contexto escolar: instrumento**

facilitador da aprendizagem. *In:* SANTOS, José Kennedy Silva dos. **Abrindo trilhas para os saberes:** Formação humana, Cultura e Diversidade. Fortaleza: SEDUC-CE, 2009. p. 153-164.

_____. **Cantigas de capoeira:** roda, ritual e suas contribuições para aprendizagem e formação. *In:* VASCONCELOS, José Gerardo [et al.] (org.). I Simpósio PET – Pedagogia da UFC: **O pensamento pedagógico hoje;** Eixo: Educação e Movimentos Sociais. CD-ROM. Fortaleza – CE: IMPRECE editora, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Educação e poder.** Introdução a pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez, 1985.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural.** O homem e a história. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Unicamp, 2003.

MATTOS, Haron Crisóstomo; MATTOS, Maria Carmem (org.). **Coletânea musical de Capoeira.** Juiz de Fora – MG: Grupo Zambelê, 1995.

MESTRE MORAES. **Grupo GCAP:** Coletânea Cds 1 e 2. Coleção Praticando Capoeira. Edição 2. São Paulo: Editora D+T.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: Ensaio Sócio-Etnográfico.** s/ed., Salvador, BA: Editora Itapuã, 1968.

RODRIGUES, Rui Martinho. **História, fontes e caminhos da educação e da cultura.** *In:* CAVALCANTE, Maria Juraci Maia [et al.] (org.). **Escolas e culturas:** políticas, tempos e territórios educacionais. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p.422-441.

SILVA, Robson Carlos. **Dos vadios e capoeiras:** reflexões sobre a relação da capoeira com grupos

políticos do século XIX. *In*: FRANCO, Gomes Kennedy Roberto; VASCONCELOS, José Gerardo.

Outras histórias do Piauí. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

VIEIRA, Luiz Renato. **O Jogo da Capoeira Corpo e Cultura Popular no Brasil.** 2ªed.,

Rio de Janeiro, RJ: Sprint, 1998.